

Uma panóplia de desafios

A globalização e diversos excessos, em particular os associados ao crédito, destaparam várias disfunções em muito do mundo dito desenvolvido, que a retórica, a propaganda e a euforia vinham ocultando.

Apesar da insistência inicial, por parte das autoridades dos países ou dos blocos mais atingidos, em fazerem crer que a crise era menos profunda e que depressa a aniquilariam ou acantonariam, eram muitos os sinais de que não seria assim. Na verdade, estávamos a entrar numa nova era, muito diferente daquela que está a ficar para trás e isso gera novos desafios.

Assim, sem surpresa, apesar do «poder de fogo» das autoridades e do pronto resgate da banca autoflagelada, os esforços para restabelecer a «velha ordem» só podiam ter resultados limitados. Confirmou-se, mais uma vez, que as crises profundas são «monstros» de vários tentáculos, difíceis de domar.

Entretanto, com o decorrer do tempo, aumentou o número de países afetados. Com efeito, nem os pujantes BRIC ficaram a salvo, como revelam as recentes reduções das respetivas taxas de crescimento, mas também as tensões e contradições internas, cada vez mais indisfarçáveis e com presença crescente nos *media* internacionais.

O resultado final de tudo aquilo a que temos assistido produzirá mudanças significativas, com impactos diversos, fruto da materialização das alternativas que se colocam, como por exemplo aos seguintes níveis: i) da energia, com consequências nas alterações climáticas e na paisagem geopolítica; ii) da biotecnologia e da agroindústria, com efeitos ao nível da saúde e com reflexos nas respostas aos desafios populacionais; iii) da inovação, com frutos no desenvolvimento de produtos, serviços e organizações; iv) da governação, desafiando os formatos de democracia representativa; v) das cidades, com repercussões na coabitação e nas vidas individuais; vi) da ética (empresarial e política), com implicações na moralização e na confiança.

PAULO BENTO

DIRETOR

director.gemr.ibs@iscte.pt

An array of challenges

Thanks to globalization and many excesses, notably in the use of credit, a number of dysfunctions hitherto concealed by rhetoric, propaganda and euphoria have come to light in much of the so called developed world.

Although at the onset of the crisis the authorities of the older countries and blocs insisted that it was not that serious and that they would soon get the better of it or find an appropriate response, there were many signs to the contrary. In fact, we were entering a new era, very different from the one we were leaving behind, and with it came new challenges.

So it comes as no surprise that despite the “weapons” at the disposal of authorities and the prompt bailout of the self-punished banking sector, nothing but limited success could come of the attempts to reestablish the “old order”. Yet again, it was confirmed that serious crises are “monsters” of such proportions that they are difficult to tame.

Meanwhile and as time goes by, the number of affected countries has increased. Indeed, not even the powerful BRIC have gone unscathed as can be seen from the recent declines in their growth rates. Their internal tensions and contradictions have also become a common feature in the international media and are now difficult to disguise.

Ultimately, the outcome of everything that we have witnessed will lead to marked changes which will impact in different ways. These changes will result from alternatives that emerge at a number of levels such as: i) in energy with consequences in climate change and the geopolitical landscape; ii) in biotechnology and the agro industry, with effects on health and impacts on responses to population challenges; iii) in innovation, bearing fruit in the development of products, services and organizations; iv) in governance, challenging the formats of representative democracy; v) in cities, with repercussions in the way we live collectively and individually; and vi) in ethics (both in business and politics), with implications for moralization and trust.

PAULO BENTO

DIRECTOR

director.gemr.ibs@iscte.pt